

* LUIZ ANTONIO AGUIAR *

MEMÓRIAS
MAL-ASSOMBRADAS
DE UM
FANTASMA
CANHOTO

ilustrações
GUTO LINS



Conforme a nova ortografia

1ª edição

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Luiz Antonio Aguiar, 2013

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS
GASTALDO DE OLIVEIRA
Editora: KANDY SGARBI SARAIVA
Coordenação editorial: TODOTIPO EDITORIAL
Assistente editorial e preparação de texto:
ISADORA PROSPERO
Auxiliares de serviços editoriais: FLÁVIA
ZAMBON e LAURA VECCHIOLI
Estagiária: GABRIELA DAMICO
ZARANTONELLO
Suplemento de atividades: LIA D'ASSIS
Coordenação de revisão: PEDRO CUNHA JR. e
LILIAN SEMENICHIN
Revisão: DANIELLE MODESTO
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC
Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA
Projeto gráfico: ADRIANA LINS e GUTO LINS /
MANIFESTO DESIGN
Capa e ilustrações: GUTO LINS
Impressão e acabamento:

**CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros (RJ)**

A23m

Aguiar, Luiz Antonio, 1955-

Memórias mal-assombradas de um fantasma
canhoto / Luiz Antonio Aguiar ; ilustração Guto Lins. -
1. ed. - São Paulo : Saraiva, 2013.

96 p. : il. ; 21 cm. (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-20465-2

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Lins, Guto,
1961-. II. Título. III. Série.

13-03719

CDD: 028.5

CDU: 087.5

4ª tiragem, 2017

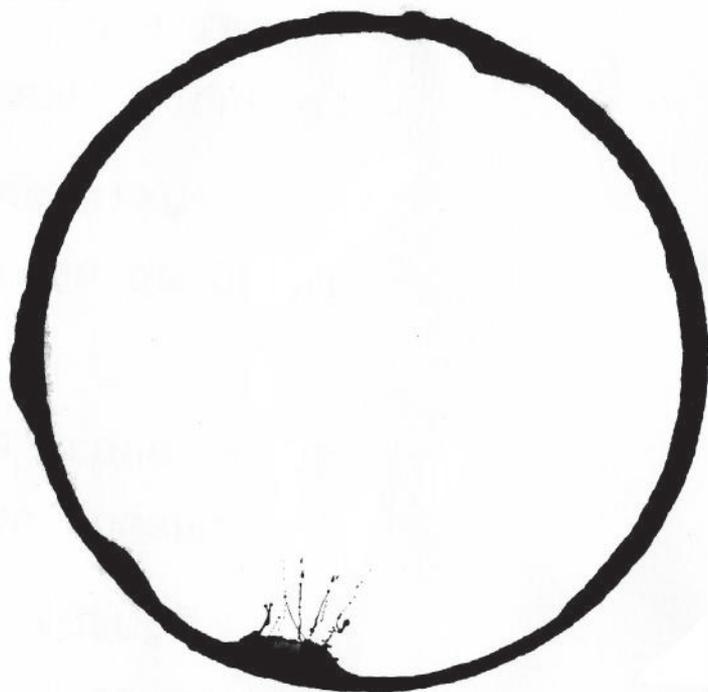
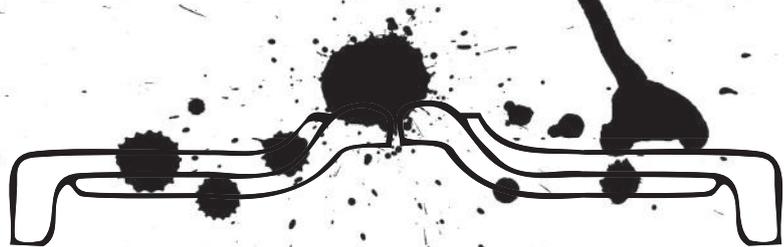


Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

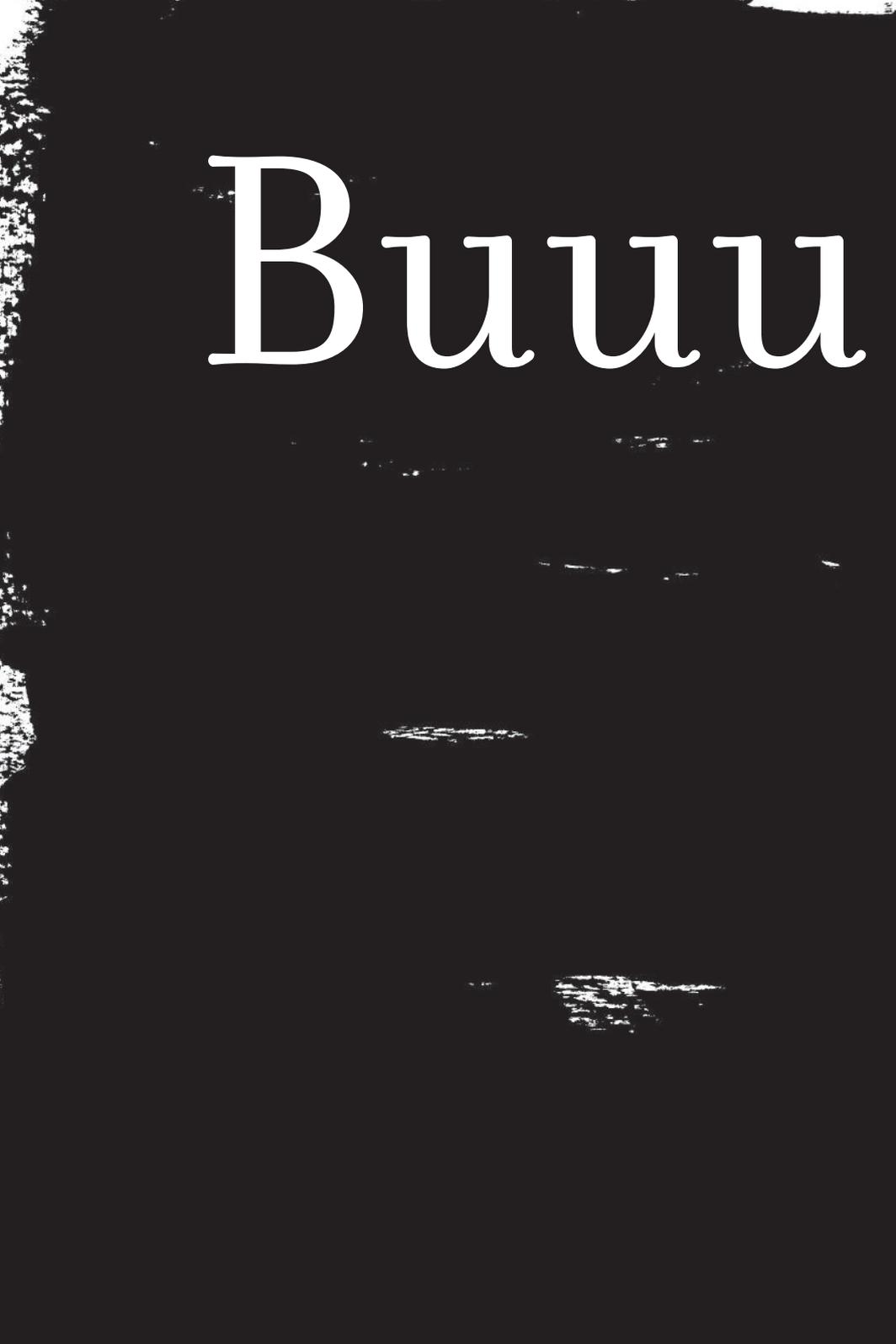
Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810252
CAE: 571433



Buuuu

The image is a high-contrast, black and white photograph of a person's face, likely a woman, with a grainy, textured appearance. The face is mostly obscured by deep shadows, with only a few highlights defining the features. The word "Buuuu" is written in a large, white, serif font across the upper portion of the image. The overall mood is mysterious and dramatic.

uuuu!



ra, vamos, quem vai se assustar com uma besteira dessas? No entanto, a tradição manda que os fantasmas, ao aplicarem seus sustos, surjam, bem junto da vítima, com este misto de berro e gemido: “Buuuu!”.

E essa tradição é tão difundida quanto começar certo tipo de história com o “Era uma vez”.

Se a tradição conta? Evidentemente. Pelo menos quando se vai ler uma história. É a tradição que nos diz onde estamos nos metendo.

O “Buuuu!” é fundamental. É o símbolo do susto bem-sucedido e do medo que uma história pode provocar.

Ora, viventes, o que posso lhes dizer?

Sou célebre!

Entre os fantasmas, talvez seja eu o mais famoso.

Foi em 1584 que fui forçado a deixar seu mundo.

Assassinado.

Portanto, nestes últimos quatrocentos e tantos anos, tenho visto todos os tipos de monstruosidade e assombração. Conheço muitos de seus segredos. Talvez eu os revele a vocês... Se são apropriadas as histórias que existem nos seus livros sobre essas criaturas? Ora, considero parte delas bem boazinhas. Eu próprio, com algumas, me diverti; e com outras senti até mesmo calafrios.

Calafrios, por assim dizer, naturalmente, pois essa é uma reação interdita aos que já não possuem sangue quente.

Li inúmeras dessas obras para suportar o ócio das horas mortas, e isso graças à sorte de um dos meus ambientes prediletos — para mal-assombrar, quero dizer — serem as bibliotecas.

Principalmente aquelas com escassa iluminação, paredes forradas de madeira escura e estantes até o teto. Estilo lúgubre-austero.

E sobre as histórias, posso, com efeito, comentá-las, assim como os truques de que se valem para devassar o indevassável do espírito humano. E aqui, ressalto, me refiro ao humano vivente.

Assim, até pelo meu distanciamento, posso ilustrar esses recursos usados para escrever sobre o invisualizável. Que o tornam imaginável a alguém... como vocês.

Ah, a arte do terror! De semear aquilo que o leitor imaginará ao pensar ver algo se mexendo na penumbra. E os pesadelos que o farão acordar, à noite, em pânico, pressentindo qualquer coisa gélida, quiçá descarnada, roçando seus pés!

Grande Literatura!

E histórias imortais.

Algumas mortas-vivas, se me permitem o trocadilho.

Ora, por que uma assombração não poderia ter momentos de bom humor?! Sim, sim, este fantasma tem muito o que contar em suas memórias. Se vão apreciar? Bem, o que posso dizer é que minhas histórias não são deste mundo, se é que me entendem! Por isso mesmo, creio que sejam interessantíssimas!

Vamos a elas!

Sir Simon de Canterville

na conversa que teve com os Achudos.

{01} UNIVERSOS PARALELOS

- Muito fácil!

- Só se for para você, Anjão! - reclamou Manouk. - Tá pensando que todo mundo é geninho em ciências?

- Você quer dizer *nerd* - replicou Leo, a Leonora. A garota estava irritada. - Ele deve achar mesmo que todo mundo é *nerd* que nem ele... que nem vocês, aliás. Não é à toa que o pessoal chama vocês de Achudos. Vocês se acham o máximo!

- Mas que agressão, Leo! - reclamou Manouk. - Tá de mal com a vida hoje, é?

Já o Anjão não conseguiu dizer coisa nenhuma. O rosto dele, de negro ficou quase roxo de raiva.

Manouk e Anjão detestavam esse apelido. Mas, toda hora que alguém via eles dois, mais o Deco e a Prisca, juntos - e os quatro adoravam bater papo -, implicava: "Ei, Achudos! Qual é a doideira que estão aprontando agora, hem?".

- Escuta só, burralda! - disse enfim Anjão. - E vê se entende. É fácil, sim, se você usar os miolos.

Manouk se arrepiou toda. O amigo agora estava mesmo falando que nem um "Achudo"... "Mas a Leo é mesmo dura de engolir...", lastimou a garota.

- Nada no universo é... tudo pode ser. São possibilidades! - explicou Anjão a uma Leo que fazia uma careta impaciente. - Isso é ciência. Tá em uma porção de livros. Por exemplo, a quantidade de massa e energia escura no espaço...

- Massa e energia escura? - riu Leo.

- É... Tá nos livros. Essa coisa que tô tentando explicar se chama Teoria dos Muitos Mundos! É o seguinte: tem coisas que os cientistas calculam, medem, e encontram várias possibilidades. Não um resultado, mas possibilidades. Sabe por quê? Porque cada possibilidade corresponde à resposta em um universo diferente.

- Hem? - exclamou Leo, arregalando os olhos.

- Nosso universo é um, entre muitos. Infinitos, talvez. Cada um com... características diferentes. Por exemplo, num deles, a velocidade da luz pode ser diferente do que é no nosso. Noutro, a gente poderia nem ter se conhecido. Noutro...

- E quando entram os fantasmas nessa história? - debochou Leo.

- Não entram... Mas podem entrar. E se o que a gente chama de



**OS
ACHUDOS**

fantasma forem habitantes de um outro universo que às vezes se mistura com o nosso? Os cientistas chamam isso de interação... Pode acontecer. Só que a matéria e a energia de um universo paralelo são diferentes das do nosso. Daí, os habitantes desse universo parecem... outra coisa.

- Fantasmas!

- Mas que cisma, Leo! Você empacou nisso e não quer entender mais nada! Só usei os fantasmas como exemplo. O mais importante nem é isso.

- O mais importante é que essa conversa é daquelas para curar insônia de pai de bezerro! Minha nossa, que papo! E olha que tem gente que é chamada de doida porque acredita em conspiração extraterrestre para dominar a Terra. Mas essa...! Uau! Ô, Anjão! Tá na cara que você inventou essa enrolação toda. Pensa que eu sou besta, é?

- Tem certeza de que você quer que eu responda, Leo? - disparou o garoto, furioso.

E os dois ficaram se encarando como se dois universos do multiverso tivessem colidido e agora interagissem em uma guerra de raios cósmicos...

De repente, Leo caiu na gargalhada, virou as costas e deixou Anjão bufando sozinho.

Manouk ficou parada, olhando para o amigo por alguns instantes, com aqueles olhos castanhos enormes e cílios compridos se destacando num rosto bem clarinho, emoldurado por cabelos cacheados. Tinha um imenso carinho por ele. Mas sabia que, vez por outra, ele se irritava mais do que devia. Dois minutos depois, ela chegou junto de Anjão e, com voz tranquila, disse:

- Por que você liga tanto para a Leo, hem? Aliás, não é só com a Leo. Se qualquer um estranha as coisas que você fala, você vira uma onça. E olha que nada que você diz é pouco estranho.

Anjão ficou parado um instante ainda, deixando a raiva evaporar, então soltou um suspiro, quase conseguindo sorrir, ao responder para a amiga:

- É! Mau gênio! Que nem aquele meu ancestral... meu tatatataravô. Chamavam ele de Nêgo Marrento.

- Você me contou - disse ela, sorrindo, um sorriso daqueles de rosto inteiro. Estava feliz de ver Anjão bem de novo... ou chegando lá. - Quem mandou te darem o nome dele, hem?... Elias Malê. Uau!

- Ideia do meu pai. E vocês só me chamam de Anjão de deboche, né? - arriscou o garoto. Mas sabia que os amigos gostavam muito

dele. E Anjão não poderia gostar mais de todos eles. Principalmente, é claro, da Manouk... Com ela, se sentia mais à vontade do que com qualquer outra pessoa no mundo. Quando estava com ela, começava a falar dessas coisas que adorava... “Os cientistas chamam isso de especulação, especulação científica, quer dizer, aquelas coisas que eles desconfiam que sejam de um jeito, mas que ainda não podem provar...”. E ia embora, falando, viajando, pensando em voz alta, enquanto a garota o escutava, admirada com a inteligência do amigo, com o interesse dele por assuntos tão diferentes... E com aquele sorriso sempre muito meigo.

Não podiam ter fascinações mais diferentes.

Aliás, se os Achudos (Prisca andava propondo que assumissem o nome, como se fosse um clube) tinham algo em comum, era que cada um gostava de uma coisa. Só que gostava muito, mas muito mesmo, dessa coisa. Anjão era vidrado em ciências: física, cosmologia, astronomia. Manouk, em mistérios e enigmas do passado, principalmente de civilizações antigas: adorava museus, ruínas, relíquias, mitos e lendas, arqueologia. Prisca - a Priscila - era leitora apaixonada de romances e contos, e uma tremenda cineasta, que já tinha ganhado até prêmios de cineastas amadores. E Deco - o Délio -, esse gostava mesmo era da vida ao ar livre, de acampar; às vezes até parecia conversar com os animais e com as árvores. O Jardim Botânico era seu refúgio favorito, com suas alamedas de árvores centenárias e palmeiras, viveiros de plantas, lagos com vegetação aquática, bosques e cavernas, e encostas com trilhas que subiam para a mata. No fundo, Deco tinha muito dos pais, que possuíam um sítio no interior, onde cultivavam produtos, criavam animais e, no final da tarde, tomavam chá na varanda, assistindo ao pôr do sol e botando Beatles para tocar a toda altura.

Entretanto, os Achudos tinham uma coisa em comum: por alguma razão que desconheciam, mesmo com interesses tão desencontrados, eles se curtiam muito e adoravam se juntar para bater papo. Mesmo quando Anjão ficava irritado porque os amigos achavam que estava exagerando em suas especulações. Mesmo quando achavam que Manouk estava de novo dando uma de menina boazinha. Mesmo quando o Deco fugia de todo mundo para suas excursões, sozinho, na natureza. Mesmo quando a Prisca dava uma de mandona... quer dizer, de diretora. Mesmo quando às vezes discutiam a ponto de parecer que estavam prestes a sair no tapa.